

PROFESSORES DE LÍNGUA: O OUTRO EM UM CENTRO DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA

Maria Cristina Giorgi CEFET-RJ/PG UFFi'

Resumo: Atualmente, o fenômeno da tecnologia e seus objetos em toda sua complexidade fazem parte de nosso dia-a-dia, afetando, queiramos ou não, nossa capacidade de conhecer e de atuar na vida social. Segundo Ciavatta [2006] são valorizados cada vez mais os saberes pragmáticos, que visam a atender os detentores dos meios de produção. Dentro deste contexto, como profissionais da área da linguagem do CEFET-RJ – instituição que explicitamente valoriza saberes relacionados à tecnologia e à indústria, propomos uma reflexão acerca da inserção do professor de línguas dentro desse universo. Para tal, nosso quadro teórico procura atender a especificidades de propostas que relacionam a linguagem e o trabalho docente, sendo a linguagem aqui compreendida como agir discursivo no mundo que nos situa. Destacamos a perspectiva dialógica [Bakhtin 1929, 1979] a Análise do discurso de base enunciativa [Maingueneau, 2002] e, para melhor entender como se estabelecem as relações de saber-poder dentro do contexto de nossa investigação, recorremos a Foucault [1987, 1996]. Acreditamos que os futuros resultados deste trabalho nos permitirão (a) melhor compreender como se constituem os saberes relativos ao ensino de línguas em um centro tecnológico, e (b) apontar possibilidades de investigações que privilegiem outros saberes que não os da área tecnológica.

1) O porquê da escolha

Atualmente, podemos verificar o estreitamento entre ciência e tecnologia nas atividades produtivas e nas relações sociais, que como resultado, implicam novas exigências para a formação do cidadão, e, conseqüentemente, pressupõem um ensino não mais pautado em estrutura curricular rígida e baseado em enfoque de conteúdos artificiais.

Acrescenta-se, a política educacional que vem sendo implementada desde meados da década de 90 reserva um lugar especial ao ensino técnico visto por ver a necessidade econômica da formação de profissionais de nível médio como exigência do desenvolvimento tecnológico em todos os setores.

Além disso, como afirma Alvarez [2000], a discussão sobre a produção acadêmica ocorre em um cenário internacional de transformações significativas no universo da pesquisa, que vem repercutindo no Brasil: a transposição da aplicação do conceito de produtividade válido para a produção de bens (de mercadorias destinadas ao mercado consumidor) para a produção do trabalho científica acadêmico.

Nesse artigo, portanto, propomos uma pequena reflexão sobre a inserção de professores de língua em um Centro Federal Tecnológico, onde a nosso ver, se vêm mencionadas acima. A instituição ademais de apresentar como peculiaridade a convivência entre os ensinos Médio, Técnico, Superior e Pós-Graduação, sabidamente, valoriza mais as disciplinas da área de

exatas. Com base no exposto, pois, estamos em um universo onde é evidente a tensão entre o formar o cidadão produtivo para o mercado e o cidadão emancipado para intervir na sociedade. E que papel temos os “não exatos” nesses centros?

2) O lugar da teoria

Como professora de língua falo do ponto de vista das propostas que consideram a linguagem como resultado de uma atividade humana, de um agir discursivo no mundo que nos situa. Para tal privilegamos as orientações de Bakhtin [1979,1929], para quem a linguagem está diretamente relacionada à ação sobre o outro e o enunciado é uma constante resposta aos enunciados do outro e aos seus próprios enunciados. O sujeito, para expressar-se, considera a reação de seu co-enunciador ao que se lhe está sendo dito e isso influencia sua fala.

Aliamos às reflexões de Bakhtin, conceitos advindos da Análise de discurso de base enunciativa, por entendermos que é a enunciação que permite a encenação discursiva daqueles acontecimentos únicos construídos em tempo e espaços discursivos [Maingueneau, 2001]. Longe da idéia de que discurso e realidade são exteriores um ao outro, esta perspectiva entende que o discurso não traduz passivamente uma dada conjuntura, mas é forma de ação produzida por um sujeito em espaço e tempo determinados.

Como tentativa de melhor compreender a questão “do que é ensinar” e de articular estudos vinculados à linguagem e ao trabalho, recorreremos a conceitos advindos das Ciências do Trabalho, uma vez que pesquisas relacionando estes dois eixos vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos, no Brasil e na França, caracterizando um campo pluridisciplinar de análise. Tal espaço teórico reflete a aceitação da teoria da enunciação, bem como a *indissociabilidade* entre formas lingüísticas e seu funcionamento nas interações socialmente situadas.

Buscando compreender relações de saber-poder dentro do CEFET-RJ, recorreremos a Foucault [1987, 1996], que considera o homem enquanto resultado de uma produção de sentido, de uma prática discursiva e de intervenções de poder e o discute enquanto sujeito e objeto do conhecimento.

3) O CEFET e o saber técnico

O saber técnico, seu poder de sedução e de dominação por meio da produção está na origem do nascimento da ciência moderna e do avanço que representou, na história da humanidade, a passagem do centro do universo da terra para o sol, da verdade divina para a verdade estabelecida

¹ Orientadora Marcia Paraquett.

pelo ser humano. Mas, desde o início, a contradição se fez presente na concepção dos fenômenos como se pudessem ser conhecidos como partes separadas, independentes do todo que as articula, e não uma unidade vital, um mundo inter-relacionado nos seus múltiplos aspectos. Desvincular a técnica, a ciência e as tecnologias de seu contexto, do universo de relações sociais e de classe que elas estabelecem é o caminho do determinismo tecnológico [Frigotto, 2005, p. 3] que opera por uma “descontextualização da tecnologia” ao tratá-la como força autônoma desvinculada das ações humanas que a produziram e dela se apropriaram em contextos históricos [LIMA FILHO, 2005, apud CIAVATTA, 2006, p.27].

Acredito que a citação anterior permite-nos desenvolver alguns questionamentos pertinentes para a compreensão do espaço que temos como professores de Língua no Ensino Médio, nessa instituição ímpar, quer por sua origem, que se vincula à “evolução de um tipo de instituição educacional” que, no século passado, apoiou o movimento de industrialização brasileiro, o ensino profissionalizante; quer por ter no mesmo espaço físico alunos do Ensino Técnico, Ensino Médio, pós-graduação *lato e stricto sensu* e professores que se alternam dando aulas em todos os âmbitos, sempre que a disciplina ministrada o permita.

De acordo com o resumo apresentado em um site da UNICAMP (<http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/c.html>), os CEFETs são:

instituições de ensino subordinadas ao Ministério da Educação, dotadas de autonomia administrativa, didática e financeira – por tratarem-se de autarquias federais. São responsáveis por ofertar educação profissional, através de seus diferentes cursos e programas, inclusive cursos superiores vinculados à área tecnológica e mesmo cursos de pós-graduação lato e stricto sensu, além do ensino médio. Por ter esta característica, têm em seus quadros, professores da carreira de 1º e 2º graus e da carreira de ensino superior, mas se vinculam, assim como as outras Instituições Federais de Educação Tecnológica (IFETs), à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) do MEC. Juntamente com a Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com as Escolas Agrotécnicas Federais (EAFs), com as Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais e com a Escola Técnica Federal de Palmas, compõe a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

Se consideramos as duas características apontadas – a origem vinculada a saberes da área industrial e o fato de somente alguns professores terem a possibilidade de ocupar espaços distintos – e as relacionamos à citação inicial, penso que alguns questionamentos tornam-se relevantes.

O CEFET/RJ é um espaço no qual, conforme apresentado, determinados saberes são privilegiados: aqueles que remontam à área industrial, à tecnologia, àquilo que em geral chamamos de área de exatas. Ainda que a origem da instituição tenha sido indicada como ponto que, certamente, dá suporte à valorização desses saberes, é preciso pensar que a gênese das escolas técnicas não é um fenômeno que acontece aleatoriamente.

Com o objetivo de melhor contextualizar o universo dessa discussão optei por apresentar o CEFET-RJ por meio da sua própria página web, ou seja, o CEFET-RJ pelo CEFET-RJ:

é desafiado e se desafia, permanentemente, a contribuir no desenvolvimento do Estado do Rio de

Janeiro e da região. Atento às Diretrizes de Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior do país, volta-se a uma formação profissional que deve ir ao encontro da inovação e do desenvolvimento tecnológico, da modernização industrial e potencialização da capacidade e escala produtiva das empresas aqui instaladas, da inserção externa e das opções estratégicas de investimento em atividades portadoras de futuro – sem perder de vista a dimensão social do desenvolvimento. Assim se reafirma como uma instituição pública que deseja continuar a formar quadros para os setores de metalmecânica, petroquímica, energia elétrica, eletrônica, telecomunicações, informática e outros que conformam a produção de bens e serviços no país. [<http://www.cefet-rj.br/instituicao/instituicao2.htm>]

Dentro dessa realidade, como serão vistos saberes relativos ao ensino de línguas em uma instituição que explicitamente valoriza saberes relacionados à tecnologia, à indústria – já que segundo ela são eles que apontam para uma proposta de futuro – materializados em setores de metalmecânica, petroquímica, energia elétrica, eletrônica, telecomunicações, informática e outros que, segundo o próprio centro, configuram “a produção de bens e serviços no país”?

Como estudiosa da área da linguagem, entendo que o diálogo com esses discursos, de certa forma constitutivos da instituição, nos apontarão vozes e saberes valorizados institucionalmente em detrimento de outros que também fazem parte dessa história. E, como sustenta Daher [2004], a materialização via discurso desses saberes acumulados constitui um patrimônio acerca do que se diz sobre, se espera e se deve saber e organiza uma memória discursiva com base nas formulações que repetem, recusam e transformam outras formulações, que, por sua vez, contribuem para a configuração da imagem do professor ideal, valorizado.

4) Algumas reflexões finais

Uma vez que nossa pesquisa está em seu momento inicial, buscamos nesse artigo apontar a relevância de contribuições de investigações no âmbito das ciências chamadas humanas e sociais no mundo tecnológico, promovendo reflexões, suscitando angústias e, por que não, gerando possíveis movimentos de mudanças, pois acreditamos que escolhas vinculadas a nossas próprias atividades têm maior chance de, ainda que de maneira micro, favorecer nosso entorno. Assim, compreender de que forma uma instituição funciona possibilita um modo de transformá-la, e para isso, pesquisa e pesquisador desvinculam-se das idéias de acúmulo de teorias e repetições do que já foi dito e de neutro descritor de eventos e conceitos, respectivamente.

O pesquisador é, pois, um autor que tem posições e faz escolhas e a pesquisa a nosso ver, pressupõe um caráter de intervenção, dado que:

O processo de formulação da pesquisa-intervenção aprofunda a ruptura com os enfoques tradicionais de pesquisa e amplia as bases teórico-metodológicas das pesquisas participativas, enquanto proposta de atuação transformadora da realidade sócio-política, já que propõe uma inter-

venção de ordem micropolítica na experiência social. O que se coloca em questão é a construção de uma "atitude de pesquisa" que irá radicalizar a idéia de interferência na relação sujeito/objeto pesquisado, considerando que essa interferência não se constitui em uma dificuldade própria às pesquisas sociais, em uma subjetividade a ser superada ou justificada no tratamento dos dados, configurando-se, antes, como condição ao próprio conhecimento [STENGERS, 1990, apud ROCHA e AGUIAR, 2003, p.4].

Em lugar de resultados, buscamos compreender para transformar, quem é o nosso aluno, a quem devemos formar, para quê?

E, mais uma vez, recorremos a Ciavatta [2006] que nos provoca com a afirmação:

O que significa educar o cidadão emancipado e não apenas o cidadão produtivo? Ser produtivo, buscar a produtividade do trabalho e a qualidade dos produtos é, em si mesma, uma coisa boa, uma busca da humanidade em todas as épocas e ainda hoje, até no mais simples artesanato. Mas como redirecionar a formação do cidadão produtivo subsumido pelos critérios mercantis da produção capitalista? Como superar a dualidade estrutural da sociedade brasileira que sempre destinou o ensino médio propedêutico ao que se destinam ao ensino superior, à formação da intelectualidade; e o ensino profissional aos "desfavorecidos da fortuna", aos filhos de trabalhadores, herdeiros das funções subalternas e das atividades manuais?

Bibliografia

- ALVAREZ, D. *Produção acadêmica no Instituto de Física da UFRJ: questões ligadas à temporalidade, organização do trabalho e avaliação*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: COPPE/UFRJ, 2000.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- CIAVATTA, Maria. Os Centros Federais de Educação Tecnológica e o ensino superior: duas lógicas em confronto. *Educ. Soc.* [online]. vol. 27, no. 96, p. 911-934, 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302006000300013&lng=pt&nrm=iso
- DAHER, D.C. *Práticas de linguagem e mundo do trabalho: exames de seleção de profissional*. (Projeto em desenvolvimento aprovado pelo Programa de Incentivo à Produção Científica, Técnica e Artística – PROCIÊNCIA / UERJ, para o triênio agosto-2005/julho-2008). Rio de Janeiro: 2004.
- FISCHER, R. A paixão de trabalhar com Foucault. In: COSTA, M. (org.) *Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- FOUCAULT, M. (1996) *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau, 2003.
- MAINGUENEAU, D. *Termos-chave de Análise do Discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2000.
- ROCHA, M.; AGUIAR, K.. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicol. ci-enc. prof.*, 23, no.4, dez. 2003. Disponível em: http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400010&lng=pt&nrm=iso.